



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

JOÃO JORGE SOUZA SILVA

**ECONOMIA CRIATIVA E ECONOMIA COLABORATIVA COMO
MODELOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – BRASIL – 2000-2017**

Caruaru

2019

JOÃO JORGE SOUZA SILVA

**ECONOMIA CRIATIVA E ECONOMIA COLABORATIVA COMO
MODELOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – BRASIL – 2000-2017**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Economia.

Área de concentração: Economia.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Ana Paula Sobreira Bezerra.

Caruaru

2019

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Paula Silva - CRB/4 - 1223

S586e Silva, João Jorge Souza.
Economia criativa e economia colaborativa como modelos de desenvolvimento sustentável – Brasil – 2000-2017. / João Jorge Souza Silva. - 2019.
35 f.: 30 cm.

Orientadora: Ana Paula Sobreira Bezerra
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Economia, 2019.
Inclui Referências.

1. Economia – Brasil. 2. Desenvolvimento sustentável - Brasil. 3. Consumo (Economia) - Brasil. 4. Desenvolvimento econômico – Brasil. 5. Cultura e tecnologia. I. Bezerra, Ana Paula Sobreira (Orientadora). II. Título.

CDD 330 (23. ed.)

UFPE (CAA 2019-303)

JOÃO JORGE SOUZA SILVA

**ECONOMIA CRIATIVA E ECONOMIA COLABORATIVA COMO MODELOS
DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – BRASIL – 2000-2017**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Ciências
Econômicas da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Economia.

Aprovado em: 13/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Msc. Ana Paula Sobreira Bezerra (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^º. Msc. Wellington Charles Lacerda Nobrega (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^º. Msc. Renan Oliveira Régis (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a minha família, aos meus amigos e a todos que contribuíram de alguma forma.

RESUMO

Esta trabalho tem como objetivo demonstrar como os novos modelos de Economia criativa e colaborativa está promovendo o Desenvolvimento Sustentável no Brasil. As preocupações para com o meio ambiente surgiram com o modo descontrolado de consumir que estimula a produção de bens que em sua grande maioria tem alta descartabilidade prejudicando o meio ambiente. Foram utilizados como métodos a revisão bibliográfica e análise descritiva de dados secundários. Verificou-se a existência não só do crescimento econômico partindo das economias criativa e colaborativa, mas também a promoção do Desenvolvimento Sustentável no Brasil como um todo durante os anos de boom e de crise econômica. O trabalho também abordou a relevância de uma nova cultura que está se formando em torno do consumo compartilhado e criativo, a cultura da união que surge através da interação social permitida pela Tecnologia. Os novos modelos estão buscando desenvolver a economia de uma forma totalmente diferente do modelo capitalista tradicional.

Palavras-chave: Economia criativa. Economia colaborativa. Desenvolvimento sustentável. Consumo. Descartabilidade. Crescimento econômico. Tecnologia. Cultura. União.

ABSTRACT

This paper aims to demonstrate how the new models of creative and collaborative economics are promoting sustainable development in Brazil. Concerns about the environment have arisen from the uncontrolled mode of consumption that stimulates the production of goods that mostly have high disposability harming the environment. The bibliographic review and descriptive analysis of secondary data were used as methods. Not only did economic growth come from creative and collaborative economies, but also the promotion of Sustainable Development in Brazil as a whole during the boom and economic crisis years. The work also addressed the relevance of a new culture that is forming around shared and creative consumption, the culture of unity that arises through the social interaction allowed by technology. The new models are seeking to develop the economy in a totally different way from the traditional capitalist model.

Keywords: Creative economy. Collaborative Economics. Sustainable development. Consumption. Descarbability. Economic growth. Technology. Culture. Unity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	JUSTIFICATIVA.....	11
1.2	OBJETIVOS.....	11
1.2.1	Objetivo Geral.....	11
1.2.2	Objetivos Específicos.....	12
1.3	METODOLOGIA.....	12
2	ANALISE HISTORICA DA ECONOMIA CRIATIVA E COLABORATIVA NO BRASIL.....	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3.1	ECONOMIA CRIATIVA.....	15
3.2	ECONOMIA COMPATINHADA.....	17
3.3	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	19
3.4	RELAÇÃO ENTRE ECONOMIA CRIATIVA, COLABORATIVA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	23
4	ANÁLISE DE DADOS.....	25
4.1	EMPREGO E SALÁRIO NA ECONOMIA CRIATIVA.....	25
4.2	CRESCIMENTO DA ECONOMIA COMPARTILHADA.....	28
4.3	AÇÕES SUSTENTÁVEIS NA ECONOMIA COMPARTILHADA.....	31
5	CONCLUSÃO.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

As transformações ambientais estão se tornando cada vez maiores ocasionando diversos impactos no meio social via desenvolvimento econômico e, esse tipo de desenvolvimento está com toda sua potencialidade afetando as relações econômico-sociais da sociedade como um todo, pois os recursos naturais estão ficando cada vez mais escassos em meio a uma população em crescimento contínuo. Chaves e Castelo (2013):

Sabe-se que os processos produtivos das empresas/indústrias são considerados um dos principais causadores de danos ao sistema ambiental, principalmente pelo uso dos recursos naturais como fatores de produção em uma proporção muito acima do que sua capacidade de renovação e absorção, atrelado a um consumismo desenfreado e irresponsável. Os impactos causados na natureza geram custos ambientais e sociais que o sistema convencional de mercado ainda não leva em consideração nos processos de precificação de bens e serviços. (CHAVES & CASTELLO, 2013, p. 2).

O planeta começa a apresentar eventos atípicos e a despertar na sociedade global interesses em reverter esses problemas de forma a preservar os recursos naturais de maneira mais eficiente e inteligente possível. Conforme Barbosa (2008):

A questão ambiental, no Brasil, se intensifica nos discursos e estudos no curso da década de 1960 após uma fase de intenso crescimento urbano. Com a crise do petróleo no final dos anos sessenta e início da década de setenta, a reflexão acerca do futuro, que se apresenta incerto, começa a ser exposta no pensamento político, social e filosófico levando ao questionamento da participação do homem no planeta. (BARBOSA, 2008, p.1).

Surgem preocupações em meio às crises sobre a escassez de recursos. Por outro lado, o consumismo descontrolado em períodos de expansão econômica também é preocupante, pois demanda do setor produtivo uma rápida resposta as novas demandas e com isso quem acaba sofrendo as consequências é o meio ambiente. As preocupações com as gerações futuras também estão em pautas durante os encontros e convecções internacionais realizadas ao redor do mundo. O objetivo do desenvolvimento sustentável é conscientizar a sociedade em geral para um cuidado mais inteligente e consciente que possa sustentar a vida humana na terra.

Posto em questão as preocupações com o meio ambiente, está se intensificando a ideia de compartilhamento de bens e serviços e até mesmo de consumo. “O ato de consumir já faz parte da nossa sociedade há muito tempo, sendo praticamente impossível apontar em que

momento exato se deu sua existência” (FARIAS, 2016, p. 6). Sendo assim, a Economia Compartilhada busca entender as relações que podem ser identificadas através do consumo compartilhado que se apresenta como o novo estágio para a reestruturação do consumo. A economia compartilha compreende uma grande variedade de bens e serviços a serem compartilhados como alimentos, moradia, produtos, conhecimento, tecnologia, informação, entre outros.

A conexão é de fundamental importância para a combinação entre as pessoas que fazem parte desse tipo de economia, Farias (2016):

A Economia Colaborativa é fruto da convergência entre três pontos principais que fazem o conceito cada vez mais atrativo a partir da evolução da sociedade: Social, com destaque para o aumento da densidade populacional, avanço nas questões voltadas a sustentabilidade, desejo de comunidade e abordagem mais altruísta; Econômico, focado em monetização do estoque em excesso ou ocioso, aumento da flexibilidade financeira, preferência por acesso ao invés de aquisição; e Tecnológico beneficiado pelas redes sociais, dispositivos e plataformas móveis, além de sistemas de pagamento e facilidade de se estabelecer conexões. (FARIAS, 2016, p.9).

No Brasil ela veio ganhando forças em meio à crise de 2008 quando os consumidores tiveram uma redução em seu poder de compra, mas queriam manter certo nível de consumo. Esse novo tipo de consumo se baseia e se fortalece na troca de experiências entre os agentes que fazem parte desse mercado.

Outra ideia que está em crescimento e promovendo o desenvolvimento sustentável é a chamada Economia Criativa que tem como principal insumo a Criatividade de cada indivíduo para a produção de bens e serviços criativos e imitáveis agregando assim alto valor incorporado.

No Brasil ela começou a ser incorporada, assim como a economia colaborativa, em 2008 em meio à crise, porém “Foi na Inglaterra que o conceito ganhou maior impulso. A iniciativa inglesa é comumente usada como referência, devido ao seu pioneirismo e à associação do tema com uma agenda política e econômica que redundou em várias ações de sucesso.” (BENDASSOLLI et al Apud MELGAREJO, 2009, p. 3).

A Economia Criativa inclui diversas áreas seguindo o modelo inglês, dentre elas estão: artes e antiguidades, arquitetura, artesanato, design, design de moda, publicidade, cinema e vídeo, software educacional e de lazer, música, artes performáveis, difusão por rádio, internet e televisão, edição (escrita e publicação) e vídeo games. Sendo assim a Indústria Criativa vem crescendo acentuadamente em todos os setores, gerando um efeito em cadeia.

Segundo Reis (2008) e UNCTAD (2010) a economia criativa ainda não apresenta uma única definição.

Por sua importância na geração de riquezas e por ter uma fonte inesgotável de recursos ela é de fundamental importância para os países em desenvolvimento, segundo Melgarejo (2011) a economia criativa se apresenta de forma viável para o desenvolvimento do Brasil.

Em meio a essas explicações o presente trabalho busca relacionar e responder de forma consistente qual a relação que a economia criativa e colaborativa tem e de qual forma elas promovem o desenvolvimento sustentável no Brasil. Apesar de a economia colaborativa e criativa serem temas bastante novos no meio acadêmico e pouco discutido o estudo sobre o referente tema é fundamental para contribuir de forma significativa e positiva para outros trabalhos que possam vir a ser feito no meio acadêmico. “Por sua importância econômica e sua relação com o espírito da época, o fenômeno das indústrias criativas apresenta grande interesse para os pesquisadores de Estudos Organizacionais. Entretanto, a literatura disponível ainda é fragmentada e dispersa”. (BENDASSOLLI et al, 2009, p. 11)

O assunto se torna muito relevante por relacionar dois termos pouco explanado com outro que é motivo de grandes debates, o chamado desenvolvimento sustentável.

1.1 JUSTIFICATIVA

A questão ambiental é tema de vários debates nacionais e internacionais onde se busca meios para reduzir a produção e o desmatamento do meio ambiente. Em meio as indagações alavancadas sobre a sustentabilidade, surgem novos tipos de economias que estão buscando promover o Crescimento Econômico de forma reestruturada, de forma que, o meio ambiente não sofra grandes consequências.

Foi verificado que existem poucas publicações sobre as economias criativa e compartilhada e, menos ainda, trabalhos que as relacionem como Desenvolvimento Sustentável. Por tanto, o presente trabalho servirá de base para futuros trabalhos que surgiram ao longo do tempo Uma peculiaridade da revisão bibliográfica é que quando mais se pesquisa e mais se interessa pelos temas aqui abordados, maior serão as chances de surgirem novos trabalhos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Explicar a relação entre a economia criativa e colaborativa sobre o desenvolvimento sustentável.

1.2.2 Objetivos Específicos

- 1) Definir a importância dos novos modelos de economia colaborativa para o desenvolvimento sustentável.
- 2) Avaliar os impactos da economia colaborativa e criativa na economia como um todo.

1.3 METODOLOGIA

O projeto de pesquisa tem como principal objetivo entender como as economias colaborativas e criativas podem promover o desenvolvimento sustentável. “A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43).

Um dos métodos a serem utilizados será o de revisão bibliográfica que se baseia em estudos já existentes, a revisão bibliográfica irá proporcionar a pesquisa uma melhor proposta sobre o assunto abordado, Gil (2008):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2008, p. 50)

Sendo assim, Prodanov e Freitas (2013) falam que a pesquisa científica é a busca por conhecimento, tendo como base características capazes de dar maior rigidez aos resultados. Severino (2000):

A assimilação desses elementos é feita através do ensino em classe propriamente dito, nas aulas, mas é garantida pelo estudo pessoal de cada estudante. E é por isso que precisa ele dispor dos devidos instrumentos de trabalho que, em nosso meio são fundamentalmente bibliográficos. (SEVERINO, 2000, p.24).

Tendo em vista a importância da pesquisa bibliográfica, Gil (2008, p.50), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” Então de início será feito um levantamento de obras relevantes para a compreensão do assunto a ser discutido.

Outro método utilizado será o de pesquisa descritiva utilizando dados secundários extraídos do Sistema FIRJAN. A utilização deste método é importante para análise dos dados para mostrar como a economia criativa e colaborativa podem de fato promover o desenvolvimento sustentável no Brasil, ou seja, será através de tabelas e gráficos que poderemos acompanhar o crescimento dois tipos de economia no Brasil e seu impacto sobre o desenvolvimento econômico.

Como método descritivo será de grande importância para o estudo, Gil (2008, p.28), “algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”. Utilizando os dados poderemos identificar em sua totalidade a relação entre os dois tipos de economia e o desenvolvimento sustentável no Brasil e comprovar se existe de fato impacto sobre o desenvolvimento sustentável.

2 ANÁLISE HISTÓRICA DA ECONOMIA CRIATIVA E COLABORATIVA NO BRASIL

A economia criativa no Brasil não é uma novidade. Com maior acesso a informação pela sociedade ela vem se espalhando e entrando cada vez na moda. Como mostra UNCTAD (2010) o debate foi marcado por ter sido tema, em 2004, da XI reunião ministerial da conferência das Nações Unidas para o comércio e desenvolvimento.

Ela surge como a nova tendência para o mercado, pois, como afirma Melgarejo (2009) a economia criativa se diferencia da economia tradicional por adicionar novos aspectos tais como gestão do conhecimento, boas prática e sistematização da informação. Segundo Firjan (2016) a economia criativa é formada por 13 segmentos criativos de acordo com suas afinidades setoriais em quatro grandes áreas: Consumo (Design, Arquitetura, Moda e Publicidade), Mídias (Editorial e Audiovisual), Cultura (Patrimônio e Artes, Música, Artes Cênicas e Expressões Culturais) e Tecnologia (P&D, Biotecnologia e TIC)

É um tipo de economia que se mantém estável durante as crises ou até mesmo apresenta expansão como é mostrado no texto da FIRJAN (2016):

Em 2015, o Brasil tinha 851,2 mil profissionais criativos formalmente empregados, frente aos 850,4 mil, registrados em 2013. Uma leitura inicial desse número poderia sugerir certa decepção, na medida em que foram gerados pouco menos de mil empregos em um período de dois anos – uma expansão de somente 0,1% (Tabela 1). No entanto, é importante ressaltar os desafios enfrentados pela economia brasileira no mesmo período, quando foram extintos 900 mil postos de trabalho, o que representa redução de 1,8% no estoque total de trabalhadores formais. Mais uma vez, fica evidente o papel estratégico dos profissionais criativos na atividade produtiva. (FIRJAN, 2016, p. 14).

Ela contribui de maneira significativa para a composição do PIB e para tantos outros indicadores econômicos e sociais. Como ela abrange uma variedade de setores e utiliza como principal recurso à criatividade, a economia criativa está gerando uma nova forma de se pensar sobre consumo e produção.

A economia colaborativa assim como a economia criativa vem apresentando bastante crescimento. Segundo Silveira (2016) a economia colaborativa surge em meio à evolução humana e o consumo exagerado.

Ela tem como principal fonte de conexão à rede entre os participantes desse mercado, pois gera maior conectividade e é de fácil acesso. Os consumidores da economia compartilhada estão interessados não na posse do bem, mas sim na troca de experiência que esse tipo de bem ou serviço pode lhe proporcionar.

Tanto o mercado da economia colaborativa quanto o da economia criativa está desconstruindo o modelo tradicional de consumo e de negócio, para Farias (2016):

“Essa nova proposta de valor desafia a lógica capitalista baseada na acumulação de bens, propondo um novo tipo de consumo aonde o acesso é mais importante que a posse, além disso, todo mundo pode ser fornecedor e consumidor ao mesmo tempo, garantindo uma autonomia financeira maior e descentralizando o fluxo entre clientes e empresas.” (FARIAS, 2016, p. 2).

Então as empresas que surgem nesse novo tipo de mercado devem se adaptar a nova forma de negócios e de consumo. A economia colaborativa ganhou força em 2008 em meio à crise econômica mundial, dessa forma, os consumidores buscavam manter certo nível de consumo em meio à crise econômica aproveitando apenas a capacidade já existente na economia. Como o termo sugere é a economia colaborativa, ou seja, do compartilhamento, da aproximação e da troca de experiências.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ECONOMIA CRIATIVA

Vivemos em uma sociedade de consumo em massa desde a Revolução Industrial, uma sociedade a qual demanda sempre uma maior gama de bens e serviços. Com o passar dos anos e, com a evolução da tecnologia e maior acesso ao conhecimento, os consumidores estão ficando cada vez mais criteriosos com os tipos de bens e serviços ofertados.

Segundo Cecilio (2016) o acesso à informação está gerando mudanças no padrão de consumo mundial e que pesquisas apontam para uma mudança considerável nas preferências dos consumidores nos últimos anos. Os novos consumidores estão, em geral, mais conscientes buscando novos tipos de bens e serviços, pois boa parte de suas necessidades já foram satisfeitas. Para suprir este novo tipo de demanda um novo mercado está ganhando forças, este é o chamado mercado criativo, que está dentro da definição de economia criativa.

Segundo Reis (2008) a sociedade está em modificação, saindo da Era da Informação do Século XX, onde o foco era a informação e comunicação, e entrando em uma era mais dinâmica, a Era da Economia Criativa do Século XXI, a qual tem como principal força a criatividade liderada pelo conhecimento e tem como apoio a conectividade. Tanto UNCTAD (2010) quanto Reis (2008) mostram que não existe apenas uma definição para o termo “Economia Criativa”.

“Foi na Inglaterra que o conceito ganhou maior impulso. A iniciativa inglesa é comumente usada como referência, devido ao seu pioneirismo e à associação do tema com uma agenda política e econômica que redundou em várias ações de sucesso.” (BENDASSOLLI et al Apud MELGAREJO, 2009, p. 3). Desde então a Indústria Criativa vem crescendo acentuadamente em todos os setores, gerando um efeito em cadeia. Conforme Melgarejo (2009) o modelo britânico foi repetido em várias nações e está proporcionando grandes mudanças, tendo este sido ainda maior em países emergentes. Para Cecílio (2016) a indústria criativa vem sofrendo constantes mudanças, e vem propiciando crescimento econômico e desenvolvimento social além de ser uma alternativa para países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil.

Para Bendassolli (2009):

O surgimento do termo “indústrias criativas” está associado a movimentos ocorridos a partir dos anos 1990 em alguns países industrializados. Mudanças econômicas e sociais fizeram com que se deslocasse o foco das atividades industriais para as atividades intensivas em conhecimento, localizadas no setor de serviços. (BENDASSOLLI et al, 2009, p. 2).

A Economia Criativa inclui diversas áreas seguindo o modelo inglês, dentre elas estão: artes e antiguidades, arquitetura, artesanato, design, design de moda, publicidade, cinema e vídeo, software educacional e de lazer, música, artes performativas, difusão por rádio, internet e televisão, edição (escrita e publicação) e vídeo games.

Esse tipo de economia se utiliza da capacidade e do talento individual explorando a competência intelectual intangível na produção de bens tangíveis, utilizando como principal insumo a criatividade. Então, a criatividade passou a ser percebida como uma fonte inesgotável de recursos, por possuir a característica peculiar de ser abundante: quanto mais se explora, mais se tem. Segundo Howkins Apud UNCTAD (2010):

Existem dois tipos de criatividade: o tipo que se relaciona com a realização das pessoas enquanto indivíduos e o tipo que gera um produto. O primeiro é uma característica universal da humanidade e é encontrado em todas as sociedades e culturas. O segundo é mais intenso em sociedades industriais, que atribuem um valor maior à novidade, à ciência e à inovação tecnológica e aos direitos de propriedade intelectual. (HOWKINS Apud UNCTAD, 2010, p. 9).

Melgarejo (2011) mostra que a Economia Criativa compreende características intangíveis da criatividade e dos valores culturais gerando altos valores incorporados e que, por primazia, são imitáveis. Então, pode-se afirmar que a criatividade está gerando efeitos positivos na economia como um todo e por gerar grandes valores ela é de interesse de toda a sociedade.

3.2 ECONOMIA COMPATINHADA

Em pleno século XXI nos deparamos com um grande problema que vem se tornando cada vez maior, o problema do consumo excessivo. Para Silveira et al (2016) a forma de consumir é desajustada e desigual, pois o sistema econômico atual proporciona uma má distribuição de renda, descartabilidade, controle e oferta desenfreada. O consumo sempre esteve ligado à natureza humana e desenvolveu vários sentidos e desejos que demandam uma ampla cadeia de bens e serviços influenciados pelo marketing e acesso à tecnologia digital.

O consumo em excesso ou consumismo é um problema que veio se desenvolvendo ao longo do modelo de economia capitalista. Baumam (2016):

Desta forma, o consumidor sempre foi estimulado a consumir mais e mais a fim de saciar esses desejos, pensando de forma individualista, impactando de forma exponencial as indústrias e empresas que são estimuladas a produzir mais, de forma irresponsável impactando de forma extremamente negativa o planeta e consequentemente a vida das pessoas, ou seja, além de gerar uma quantidade enorme de desperdício e causar problemas ambientais, o consumismo exagerado deu lugar a uma urbanização dos grandes centros tomada por uma cultura individualista, onde os laços sociais se enfraqueceram e os valores de comunidade se perderam. (BAUMAM Apud FARIAS, 2016, p.7).

Como alternativa para esse problema e preocupados com o meio ambiente, além da preocupação com os recursos que estão se tornando cada vez mais insuficientes, surge a ideia da economia colaborativa. A economia colaborativa se apresenta como o próximo estágio para reestruturação do consumo.

No Brasil ela veio ganhando forças em meio à crise de 2008 quando os consumidores tiveram uma redução em seu poder de compra, mas queriam manter certo nível de consumo. Para Farias (2016) surgiu nos Estados Unidos e na Europa onde pessoas em meio à recessão econômica poderiam manter o mesmo padrão de vida sem precisar adquirir mais, gerando economia financeira, que é importante em períodos de crise, e em contrapartida desenvolvendo uma troca de experiências conjuntamente com um consumo mais sustentável. Como mostra Farias (2016):

A economia compartilhada, ou consumo colaborativo, é caracterizado pela troca, compartilhamento, e o acesso a produtos e serviços, ou seja, o grande diferencial é

a forma de consumir, que sai do modo tradicional, que está ligada apenas à compra e ao individualismo, pois, no consumo colaborativo, um dos grandes interesses dos consumidores é a troca de experiências. “ Após o consumo colaborativo ser identificado como um novo padrão e demonstrar um grande potencial, as empresas se organizaram ao redor deste fenômeno, criando um mercado que atendessem as necessidades da sociedade surgindo uma nova forma de organização econômica.” (FARIAS, 2016, p. 8).

O consumo colaborativo está se espalhando rapidamente pelo mundo. No Brasil pouco se conhece sobre esse tipo de consumo, mas já há grandes iniciativas para o compartilhamento de bens e serviços das mais variadas formas. Um exemplo de economia criativa no Brasil é o realizado pelo Banco Itaú ao patrocinar um programa de compartilhamento de bicicletas. A conexão é de fundamental importância para a combinação entre as pessoas que fazem parte desse tipo de economia. O acesso à rede faz com que pessoas interajam entre si para compartilhar bens e serviços de forma que satisfaça suas necessidades e desejos de uma forma mais sustentável. Farias (2016):

A Economia Colaborativa é fruto da convergência entre três pontos principais que fazem o conceito cada vez mais atrativo a partir da evolução da sociedade: Social, com destaque para o aumento da densidade populacional, avanço nas questões voltadas à sustentabilidade, desejo de comunidade e abordagem mais altruísta; Econômico, focado em monetização do estoque em excesso ou ocioso, aumento da flexibilidade financeira, preferência por acesso ao invés de aquisição; e Tecnológico beneficiado pelas redes sociais, dispositivos e plataformas móveis, além de sistemas de pagamento e facilidade de se estabelecer conexões. (FARIAS, 2016, p.9).

A economia compartilha compreende uma grande variedade de bens e serviços a serem compartilhados como alimentos, moradia, produtos, conhecimento, tecnologia, informação, entre outros. Segundo Bostsmam e Rogers Apud Silveira (2016):

Há três formas ou sistemas de consumo colaborativo: a) sistema de serviços de produtos, b) mercados de redistribuição e c) estilos de vida colaborativo. Os sistemas de serviços de produtos, ou Product-Service System (PSS), são definidos como um conjunto comercial de produtos e serviços capazes de atender conjuntamente às necessidades do usuário, no qual se paga pelo uso de um produto sem a necessidade de adquirir sua propriedade. Os mercados de redistribuição são associados às trocas e doações, estão relacionados à transferência de propriedade, ou seja, fazem alusão à copropriedade. Exemplos desse tipo de sistema são a doação de móveis, a troca ou empréstimo de livros e a troca ou doação de roupas. A terceira forma é denominada estilos de vida colaborativos, na qual se verifica a disposição à partilha e à troca de ativos intangíveis, como, por exemplo, tempo,

espaço, habilidades e dinheiro. (BOTSMAM & ROGERS Apud SILVEIRA et al, 2016, p. 2).

O novo rumo que o consumo está tomando está mais próximo de superar o modelo tradicional e cada vez mais na moda. A economia compartilhada está proporcionando uma melhor relação entre os indivíduos e reorganizando a estrutura econômica e é de suma importância compreender os impactos desta nova tendência.

3.3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Nas últimas décadas grandes causas sociais e ambientais vêm se apresentando de forma consistente. Contudo, problemas sociais sempre estiveram presentes em todos os modelos econômicos já existentes, e os problemas ambientais começaram a surgir com maior intensidade com chamada Revolução Industrial no século XVIII que, como um novo modelo de produzir e a partir da utilização da máquina a vapor, começou a poluir com emissão de gás e a reduzir os custos das mercadorias, tornando-as mais acessíveis.

Ademais, os processos produtivos evoluíram gradativamente durante anos, porém os processos produtivos das empresas/indústrias sempre foram danosos ao meio ambiente. Somado isto ao aumento populacional que, conseqüentemente, demandam maior quantidade de mercadorias a serem produzidas e consumidas e ao tempo em que os recursos naturais levam para se renovar e ao consumismo desenfreado, surgem sérios problemas referentes aos recursos naturais e sua escassez, conforme Simão (2017) as preocupações com os problemas ambientais ficaram cada vez mais notáveis na segunda parte do século XX com o rápido desenvolvimento industrial.

O planeta começa a apresentar eventos atípicos e a despertar na sociedade global interesses em reverter esses problemas de forma a preservar os recursos naturais de maneira mais eficiente e inteligente possível. Para Chaves e Castello (2013):

Desse modo emergem-se questões sobre a sustentabilidade. O ponto de partida básico e fundamental para a sustentabilidade perpassa pela correta e responsável utilização dos recursos naturais a fim de atender as necessidades das gerações atuais sem prejudicar a capacidade das gerações futuras em atender suas próprias necessidades. (CHAVES & CASTELLO, 2013, p. 2).

Esses problemas, em sua grande maioria, se desenvolveram simultaneamente com o barateamento das mercadorias, dada a redução nos custos, o aumento populacional, crescimento urbano desenfreado, consumo excessivo, maximização do lucro que segue a lógica do modelo capitalista tendo como base o uso irresponsável dos recursos naturais. A partir daí o mundo começa a se desenvolver e aumentar a renda geral, porém como mostra Romeiro (2012) à medida que a renda per capita aumenta com o crescimento da economia, a degradação do meio ambiente também aumenta como justificativa para atender as demandas econômicas.

Em seu artigo Chaves e Castello (2013) mostram que houve movimentos significativos para atender a essas questões ambientais, em Simão (2013):

O primeiro, ‘a gênese’, ocorreu entre 1962 e 1973, e caracterizou-se por ter sido um ciclo expansivo. Surgiram as primeiras obras a alertar para os efeitos da economia no ambiente, como foram o caso de *Silent Spring* (1962) de Richard Carson, habitualmente referida como sendo o despertar da consciência ambiental, mas também *The Tragedy of the Commons* (1968) de Hardin, *Limits to Growth* (1972) de Meadows, ou *Small is Beautiful* (1973) de Schumacher. Foram lançadas as primeiras infra-estruturas das políticas nacionais de ambiente. Destacam-se as leis-quadroambientais no Japão (1967), E.U.A. e Suécia (1969) e os primeiros organismos públicos nos E.U.A. (Environmental Protection Agency, 1970) e Japão (1971). Portugal cria, em 1971, no âmbito do Conselho de Ministros, a Comissão Nacional do Ambiente. No fecho deste ciclo, realiza-se em Estocolmo, em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente Humano, a primeira reunião à escala planetária e precursora de outras duas. (SIMÃO, 2013, p. 2 e 3).

Porém, essa conferência considerou apenas aspectos de desenvolvimento econômico e, com a explosão do avanço da tecnologia na década de 1980 e maior reconhecimento de questões ambientais e a expansão de movimentos ecológicos ficou claro para (Chaves e Castello 2013) a questão da sobrevivência da raça humana na terra ficou em destaque.

Então se fez necessário outra conferência para tratar de assuntos ambientais, que é explicada por Barbosa (2008):

Na Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD), também conhecida como Comissão de Brundtland, presidida pela norueguesa Gro Haalen Brundtland, no processo preparatório a Conferência das Nações Unidas – também chamada de “Rio 92” foi desenvolvido um relatório que ficou conhecido

como “Nosso Futuro Comum”. Tal relatório contém informações colhidas pela comissão ao longo de três anos de pesquisa e análise, destacando-se as questões sociais, principalmente no que se refere ao uso da terra, sua ocupação, suprimento de água, abrigo e serviços sociais, educativos e sanitários, além de administração do crescimento urbano. Neste relatório está exposta uma das definições mais difundidas do conceito: “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades. (BARBOSA, 2008, p.1 e 2).

“Ao termo ‘desenvolvimento’ associa as questões sócio-econômicas”. Ao termo ‘sustentabilidade’ associa os objetivos ecológicos” (SIMÃO, 2017, p.6). Chaves e Castello (2013) acrescenta que RIO-92 foi uma das ações de maior relevância em relação ao Desenvolvimento Sustentável, pois tinha como pauta desenvolver uma série de medidas de cooperação internacional para pôr em prática no decorrer do século XXI.

A cooperação/colaboração internacional é de grande importância, pois medidas em conjuntos geram efeitos maiores, e é necessária a articulação completa entre empresas, indústrias, governo e sociedade civil para que o meio ambiente possa se recuperar e se renovar Chaves e Castello (2013):

Todavia a questão do desenvolvimento sustentável é complexa e que, embora se alcance um desenvolvimento, ele nunca alcançará totalmente a sustentabilidade, pois ela é dinâmica e exige constantemente inovações. Assim, a sustentabilidade se refere ao lugar que se pretende chegar, enquanto que o desenvolvimento seu foco está em como se pretende chegar. Ou ainda, o presente para o processo de desenvolvimento e o futuro para a sustentabilidade. (CHAVES e CASTELLO, 2013, p.5).

Tendo estas abordagens como pauta, é necessário ir além da questão ambiental, pois não se pode apenas esperar que o governo tome medidas para promover o desenvolvimento sustentável. Além do mais, as empresas, como são principais empregadoras dos recursos naturais, devem desenvolver medidas de preservação e renovação do mesmo. E a sociedade cabe fazer o levantando de questões e a cobrança de ações tanto do governo quanto das empresas. Então, a interação entre governo, empresas e sociedade é de grande importância para promover o desenvolvimento sustentável.

A sociedade compreende que as empresas e indústrias ainda precisam melhorar muito no modo de produção e preservação do meio ambiente. As formas de negócios estão mudando e as empresas precisam adotar um comportamento que ultrapassem as exigências

legais, como pagar impostos e observar as condições de segurança e saúde do trabalhado, buscando melhorar a imagem da empresa, ou seja, inovar e agregar valor a ela, desta forma, Chaves e Castello (2013) escreve:

Já que as mudanças no ambiente empresarial levaram as empresas a buscarem um novo conceito de gestão, uma vez que os estudiosos e ambientalistas passaram a exigir por parte das empresas uma preocupação maior a respeito de suas responsabilidades. Assim, visão tradicional da empresa, de que sua responsabilidade seria apenas a de garantir a maximização do lucro e a minimização dos custos, passa a refletir sobre novos valores, quanto a sua atuação na sociedade. (CHAVES & CASTELLO, 2013, p.7 e 8).

Então o meio ambiente passa a ser um bom negócio para melhorar tanto a sobrevivência da sociedade presente quanto a das sociedades futuras, além de dar, às empresas que estão buscando incrementar em seus conceitos medidas sustentáveis, um olhar diferente dos consumidores que estão preocupados com os recursos naturais que são finitos.

O termo desenvolvimento sustentável está sendo ampliado abraçando questões cada vez mais econômicas, ambientais e política, visando monitorar e direcionar as atividades humanas para um caminho mais eficiente e racional, Simão (2017) relata que:

“Em 2002 realiza-se a Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Sustentável [...] de onde sai uma Declaração Política e um Plano de Acção, que inclui capítulos sobre a pobreza, água e saneamento, energia, saúde, educação, biodiversidade, recursos naturais, alterações climáticas, globalização, comércio internacional e ajuda ao desenvolvimento [...]” (SIMÃO, 2017, p. 5).

A forma como o desenvolvimento está sendo definido explica os anseios coletivos e deixa clara que medidas inteligentes devem ser tomadas no presente para, assim, garantir o acesso a recursos naturais as próximas gerações.

3.4 RELAÇÃO ENTRE ECONOMIA CRIATIVA, COLABORATIVA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

Definido os três termos economia criativa, colaborativa e desenvolvimento sustentável, podemos encontrar uma compatibilidade entre suas origens que é o surgimento dos problemas abordados com base no modelo de consumo e produção pós Revolução Industrial. A economia criativa que surgiu com as novas demandas dos consumidores, pois os consumidores já satisfizeram grande parte de suas preferências e, através do acesso a maior informação, os consumidores estão desenvolvendo novos tipos de demanda de bens e serviços. Sendo assim a economia criativa ganha força, pois é através da criatividade que esses novos bens e serviços serão pensados e criados.

Como visto, a economia criativa compreende vários setores da economia e por ter essa amplitude é de fundamental importância para o crescimento e desenvolvimento econômico e social no Brasil e, por utilizar a capacidade intelectual intangível na produção de bens tangíveis, ou seja, ter como único e principal insumo a criatividade/conhecimento como fonte inesgotável, ela promove diretamente o Desenvolvimento Sustentável.

A economia colaborativa, assim como a economia criativa, está fortemente ligada ao Desenvolvimento Sustentável, pois tanto a economia colaborativa quanto o desenvolvimento sustentável surgem da preocupação com o desenfreado consumismo e a produção irresponsável do setor produtivo. Por muito tempo o sistema produtivo pensava apenas na maximização do lucro e minimização dos custos tornando os preços mais acessíveis para os consumidores e incentivando o consumo em larga escala. Porém com os recursos naturais se tornando cada vez mais escassos e crescentes problemas ambientais e, também com a chamada crise econômica mundial de 2008 que, no Brasil e no mundo, vem crescendo o mercado da Economia Colaborativa. Esse mercado está baseado na troca de experiências e é a nova tendência para substituir o modelo tradicional de consumo baseado na posse do bem.

Nesse tipo de economia a conexão à rede é de fundamental importância para promover a relação entre os consumidores no mercado que, sem precisar necessariamente aumentar a produção, compartilham e utilizam na capacidade ociosa já existente na economia, ou seja, promove o desenvolvimento econômico e social bem como o desenvolvimento sustentável no mundo todo.

Então, podemos afirmar que tanto a Economia Criativa quanto a Economia Colaborativa estão intimamente ligadas ao Desenvolvimento Sustentável por suas características na geração de riqueza e seus cuidados para com o meio ambiente, gerando assim uma nova tendência no Brasil e no Mundo. É de fundamental importância ressaltar que com os recursos se tornando cada vez mais escassos e uma crescente população global esses dois tipos de economia precisam se espalhar e ganhar maior força rapidamente para que possamos consumir o necessário hoje e preservar recuperar recursos para as próximas gerações.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 EMPREGO E SALÁRIO NA ECONOMIA CRIATIVA

A economia criativa no Brasil é vista como um recurso para a retomada do crescimento econômico, desenvolvimento nacional e um caminho mais sustentável para o meio ambiente.

Segundo Chagas (2017) as cidades estão passando por uma reestruturação para atender da melhor forma o novo modelo de desenvolvimento econômico. Estas cidades estão sendo projetadas para compreender a Economia Criativa da melhor forma, ou seja, de uma maneira mais tecnológica e interligada possível.

Para o Sistema Firjan a economia da criatividade cresce a passos largos, visto que, é um tipo de economia que produz produtos e serviços diferenciados para o consumidor. A capacidade intelectual e as habilidades individuais estão produzindo cada vez mais produtos singulares e imitáveis agregando valor e gerando vários novos postos de trabalhos com salários relativamente altos nas áreas que fazem parte do extenso modelo criativo Inglês.

A UNCTAD (2010) mostra o nível de tendências à importação de produtos criativos em uma escala global. UNCTAD (2010) importações de produtos criativos por grupo em 2008: Designe 59%, Publicações 11,7%, Artesanato 7%, Artes Visuais 6,9%, Artes Cênicas 6,7%, Novas Mídias 8,6% e Áudio Visual 0,2%. Podemos Observar o grupo que apresenta uma maior tendência ao crescimento ainda em 2008. UNCTAD 2010:

As indústrias criativas têm sido um dos setores mais dinâmicos no comércio mundial nessa década. Trata-se de um jogo de soma positiva tanto aos países desenvolvidos quanto aos em desenvolvimento. As exportações de produtos e serviços criativos totalizaram \$ 592 bilhões, em 2008, comparados com \$ 267 bilhões, em 2002, o que significa uma taxa de crescimento anual de quase 14% ao longo de seis anos. (UNCTAD, 2010, p. 259).

De acordo com os estudos de Fleming para a revista de Economia Criativa Brasileira o setor de economia criativa deve atingir U\$43,7 bilhões no Brasil até 2021

com um crescimento de 4,6% ao ano, Kruse (2018) mostra que a expectativa de crescimento mundial é de 4,2%. Para Firjan (2016) a participação da economia criativa brasileira no PIB é de grande relevância, passando de 2.09% em 2004 para 2.37% em 2008 e 2.64% em 2015, Firjan (2019) 2,61% em 2017, ou seja, mesmo diante da crise econômica, o setor apresentou crescimento significativo.

Ainda em Fleming, a economia criativa ainda necessita de formalização, pois, uma boa parte dos participantes desse mercado ainda vive na informalidade, menos de 30% de todo o setor criativo em São Paulo, Distrito Federal e Santa Catarina e mais de 70% no Amazonas, Piauí, Pará e Maranhão vivem na informalidade.

Segundo os registros da Firjan (2019) que registra empregos formais na Indústria Criativa, houve uma redução dos postos de trabalhos em 2015 e 2017 passando de 871.010 para 837.206 representando uma redução de -3,9% e, o mesmo aconteceu com a média salarial que foi de R\$6.810 em 2015 para R\$6.801 em 2017 uma redução de -0.1% (valores de 2015 a preços de 2017, deflator IPCA/IBGE). Mesmo apresentando algumas contrações tanto salariais quando nos postos de trabalhos a economia criativa opera acima da média Nacional.

Tabela 1 - Empregos Formais e Salários na área criativa de Consumo - 2013 e 2015

SEGMENTO	EMPREGOS (EM MILHARES)			SALÁRIOS*		
	2013	2015	VAR %	2013	2015	VAR %
Publicidade	112,7	131,7	16,9	R\$ 6.638,00	R\$ 6.276,00	-5,4
Arquitetura	124,5	113,5	-8,8	R\$ 8.157,00	R\$ 7.736,00	-5,2
Design	87	81,9	-5,9	R\$ 3.250,00	R\$ 3.010,00	-7,4
Moda	56,7	49,2	-13,2	R\$ 1.663,00	R\$ 1.724,00	3,7
CONSUMO	380,8	376,3	-1,2	R\$ 5.620,00	R\$ 5.411,00	-3,7

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Sistema FIRJAN, 2016, p. 18).

*Nota: Valores de 2013 a preços de 2015 (deflator: IPCA/IBGE).

Quando comparado o setor de Consumo na Economia Criativa de 2013 com 2015 observamos apenas crescimento em Publicidade e crescimento salarial médio apenas no em moda. As variações (VAR %) ocorreram, em sua maior parte, devido à instabilidade política e a crise econômica acentuada nos anos referidos.

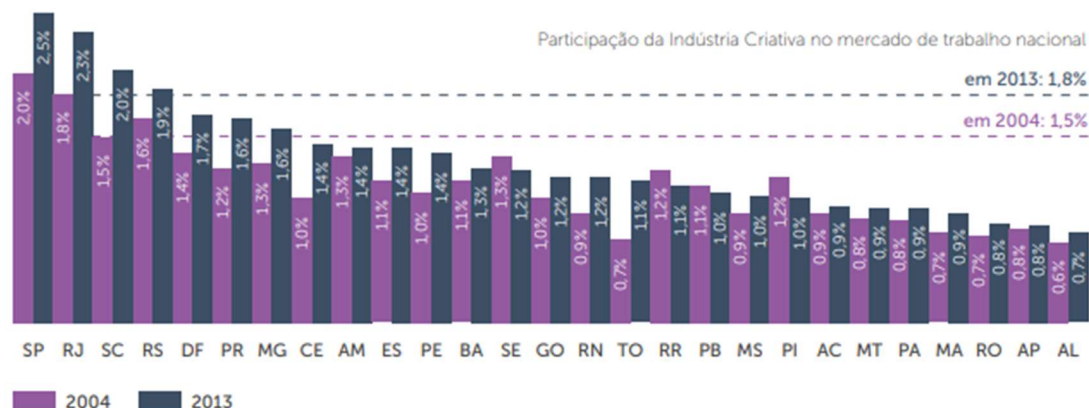
Seguindo as quatro áreas criativas e seus 13 segmentos propostos pela Firjan (2019) no setor de Consumo (Publicidade e Marketing, Arquitetura, Design e Moda)

foram gerados em 2017, 366.352 postos de trabalho com remuneração de R\$5.841; Cultura (Expressões Culturais, Patrimônio e Artes, Música e Artes Cênicas) em 2017, 64.853 com média de R\$3.237; Mídias (Editorial e Audiovisual) 95.562 postos com remuneração média de 4.069 e, por fim, Tecnologia (P&D, TIC e Biotecnologia) 310.439 com remuneração de R\$9.518. Os dados são a níveis nacionais, mas a remuneração média de cada setor chama a atenção por apresentar valores significantes e atrativos.

O crescimento é notável, FIRJAN 2014:

Em uma análise evolutiva, vale mencionar que, ainda que em 2004 os salários da classe criativa já fossem bastante superiores à média nacional (R\$ 4.323, frente a R\$ 1.598 do Brasil como um todo), houve crescimento real de 25,4%, acompanhando o expressivo avanço do rendimento do trabalhador brasileiro nesse período (+29,8%). (FIRJAN, 2014, p. 15).

Figura 1 - Participação dos Empregados Criativos no Total de Empregados dos Estados 2004 e 2013



Fonte: Sistema FIRJAN, 2014, p. 17).

Ainda em 2017, segundo dados da Análise especial Firjan (2019) São Paulo e Rio de Janeiro dominam o mercado criativo no Brasil, são dois grandes polos nacionais.

Tabela 2 - Remuneração Média Mensal da Classe Criativa de quatro segmentos de sete Unidades Federativa - 2017 (Valores em Reais)

UF	ARQUITETURA	ARTES CÊNICAS	AUDIOVISUAL	BIOTECNOLOGIA
BR	R\$ 8.385,00	R\$ 3.968,00	R\$ 3.240,00	R\$ 5.765,00
AL	R\$ 7.967,00	R\$ 1.101,00	R\$ 2.031,00	R\$ 3.179,00
CE	R\$ 7.360,00	R\$ 1.405,00	R\$ 2.352,00	R\$ 4.333,00
GO	R\$ 7.213,00	R\$ 1.827,00	R\$ 2.232,00	R\$ 4.577,00
PE	R\$ 7.219,00	R\$ 1.588,00	R\$ 2.218,00	R\$ 3.765,00
RJ	R\$ 11.218,00	R\$ 11.362,00	R\$ 7.863,00	R\$ 9.728,00
RS	R\$ 7.156,00	R\$ 1.899,00	R\$ 1.973,00	R\$ 4.722,00
SP	R\$ 8.441,00	R\$ 3.014,00	R\$ 3.846,00	R\$ 6.065,00

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Sistema FIRJAN, 2019, p. 40).

Após selecionar alguns segmentos e Unidades Federativas, nota-se que em alguns casos a renda média das federações é um pouco distante quando comparadas a renda média nacional do segmento e, apenas o Rio de Janeiro apresentou renda suficientemente grande frente a nacional. Todos os dados apontam para um setor em crescimento e que agrega valor significativo para o País.

4.2 CRESCIMENTO DA ECONOMIA COMPARTILHADA

Como dito a economia compartilhada está avançando em vários segmentos, pois ela compreende vários desejos da sociedade, dentre eles, o financeiro. O primeiro passo para o desenvolvimento da economia compartilhada no Brasil foi o financeiro, pois, em meio à crise, o desemprego cresceu muito, principalmente entre 2010 e 2018. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), a taxa média de desemprego no Brasil aumentou para 8,5% em 2015, após a elevação de 6,8% em 2014; dois anos depois, o desemprego apresentou elevação de 11,5%. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB (Produto Interno Bruto) do país regrediu 3,8% em 2015 comparado com 2014; e apresentou em 2016 uma redução de 3,6% comparada com o ano anterior.

Então, no geral, os participantes desse mercado estão aproveitando a capacidade ociosa para fazer negócio. No Brasil já existem vários negócios formados a partir do compartilhamento, como mostra Cruz (2017):

A hospedagem em casa de terceiros é uma das formas mais conhecidas de consumo colaborativo e foi apontada por 40% dos entrevistados como uma das mais usadas. As caronas para o trabalho ou escola (39%), o aluguel de roupas (31%) e o de bicicletas (17%) são as demais formas de consumo compartilhado mais buscadas pelos brasileiros. (CRUZ, 2017, p. 2).

O mercado colaborativo tem despertado grande interesse entre os capitalistas tradicionais e os varejistas, uma vez que, ambos estão presos ao mesmo modelo de compra e de vendas que já é considerado ultrapassado pelos consumidores. Os brasileiros estão buscando, cada vez mais, pagar menos por serviços de qualidade e que proporcionem uma maior economia financeira e de tempo, pois a economia de tempo é de grande importância no mercado colaborativo.

Ademais, o novo mercado encontra algumas barreiras e, por ser, um mercado que busca ampliar as relações entre os indivíduos que passam a buscar tanto experiência como aceitação em grupos, a confiança entre os consumidores ainda é baixa. Estamos caminhando para sair de um modelo capitalista e individualista para um novo mercado que aproxima e, segundo Capozzi et al (2018) a economia compartilhada está dando origem a uma cultura de união, a Cultura do NÓS que privilegia a comunidade, o geral. Segundo Exame (2018) uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) mostra que 51% dos entrevistados demonstraram que a falta de confiança nas outras pessoas é a principal barreira para adentrarem no mercado colaborativo.

Segundo Menezes (2016):

Frida, que oferta um apartamento pelo site, percebeu que várias pessoas conversavam pela plataforma, mas não queriam fechar o negócio por ali: Eles tinham um pouco de medo. No verão passado eu aluguei para três pessoas pelo Airbnb. Duas falaram comigo pelo Airbnb e fecharam por fora, porque conseguimos nos encontrar no facebook. (MENEZES, 2016, p. 108).

À medida que novas empresas estão surgindo e o mercado do compartilhamento vai sendo ampliando os consumidores desenvolveram novos comportamentos e relações e, sendo assim, como mostra Tavares (2018) barreiras estão sendo rompidas à medida que surgem novos meios de se fazer negócios, ou seja, a tecnologia hoje é o principal meio para que pessoas do mundo inteiro anunciem, aluguem e revenda bens e serviços além da troca de

experiências e de conhecimento. Para Capozzi (2018) as relações em redes sociais se tornam uma modalidade crescente de produção econômica.

Essa nova modalidade, que permite consumir sem comprar une economia, consciência sustentável e estimula a criação de redes de interação social que facilitam o acesso a objetos para o empréstimo ou aluguel. A economia colaborativa veio para ajudar não só pequenos empreendedores mais também os consumidores a economizarem e até a ganharem dinheiro e, restaurar os laços na comunidade e tudo isso, compartilhando bens e serviços como um todo.

Uma pesquisa realizada pela empresa Mastercard chamada “A Economia Compartilhada: Compreendendo as Oportunidades de Crescimento” faz uma projeção de crescimento da economia compartilhada para os anos de 2013 a 2025, comparando setores tradicionais com os setores formados a partir da economia compartilhada na União Europeia, a pesquisa mostra uma taxa de projeção de crescimento de setores como, por exemplo, partilha de carros que estima um crescimento de 23% frente a 2% de aluguel de carros e, streaming de música e vídeo 17% frente a - 5% aluguel de DVD. As transações não param de crescer, o mundo digital oferece milhões de oportunidades. MasterCard (2017):

O Facebook, o mais popular do mundo proprietário da mídia, não cria conteúdo. Alibaba, o varejista mais valioso, não tem inventário. E o Airbnb, o maior acomodação do mundo fornecedor, não possui imóveis. (MasterCard, 2017, p. 3).

No Brasil existem várias modalidades de compartilhamento, mas uma que está crescendo a passos largos é o modelo de Coworking que é um espaço criado para pessoas interagirem e autonomamente desenvolverem seus projetos como startups e outros tipos de negócios. Segundo o Censo da Coworking Brasil (2017) em 2015 existiam 238 espaços criados, 378 em 2016 e 810 no ano de 2017, ou seja, um crescimento de +52% de 2015 para 2016 e +114% de 2016 para 2018, isso tudo movimentando 82 milhões de reais, a maioria está concentrada em São Paulo e no Rio de Janeiro com apenas 22 distribuídos em Pernambuco. Esses espaços são adequados para a formação de networking onde empresários se reúnem para formar relacionamentos comerciais e trabalharem conectados uns aos outros fazendo negócios.

4.3 AÇÕES SUSTENTÁVEIS NA ECONOMIA COMPARTILHADA

As economias criativas e compartilhadas surgiram em meio à crise econômica e vieram para reestruturar a forma de consumir do mundo todo. Tendo em visto os grandes problemas gerados pelo modelo capitalista de produzir e o consumo exacerbado, a economia compartilhada busca não só garantir aos consumidores maior economia financeira ou de tempo, mas um futuro mais sustentável.

O debate sobre sustentabilidade já é tema mundial e está presente em várias conferências e organizações públicas e privadas. A sociedade está buscando cada vez mais maneiras de consumir a capacidade ociosa, de forma que, não seja necessário produzir mais, pois, o consumo exagerado gera desperdício, segundo Freitas et al (2016) uma das maneiras de evitar o desperdício e resíduos excessivos é através do compartilhamento em forma de troca, empréstimos ou aluguel oferecendo, assim, as mesmas vantagens de ter a propriedade do bem.

Na economia compartilhada os exemplos que aparecem com maior frequência quando se trata de compartilhamento e sustentabilidade são as empresas Airbnb e a Uber. A primeira, busca conectar pessoas com imóveis desocupados ou até mesmo um quarto desocupado em sua própria casa com pessoas que buscam hospedagem para que haja negócio entre elas e ambas saiam satisfeitas. Desta forma, Draghi (2013) a empresa Airbnb busca reduzir ao máximo a capacidade ociosa de casas otimizando a utilização das residências já disponíveis.

Podemos compreender o seguinte com o negócio da Airbnb: o compartilhamento de casas resulta em uma redução significativa no uso de água, energia e na geração de lixo, além de beneficiar os consumidores com preços mais acessíveis que os outros sistemas de hospedagem com destaque para os hotéis que cobram altos preços. Draghi 2013:

No nível ambiental pode-se afirmar que uma vez que existem maiores usuários e maiores espaços disponíveis para alugar a necessidade de construção de grandes redes hoteleiras é praticamente nula, em NY por exemplo o AirBnB já possui pelo menos 1 usuário em cada esquina da cidade. (DRAGHI, 2013, p. 1)

Vale ressaltar que a Airbnb proíbe a participação de grandes redes hoteleiras em seu site, desta forma, ela é uma plataforma de hospedagem colaborativa P2P (de pessoa para pessoa) com o propósito de estimular o contato entre pessoas. Sendo assim, a empresa promove nas participantes o sentido de comunidade.

A empresa Love Home Swap tem como objetivo aproximar pessoas que tenham interesse de barganhar sua casa em momentos como férias ou datas comemorativas, ou seja, existem pessoas que estão dispostas a conhecer novos locais sem ter que gastar com moradia. Sendo assim, a Love, buscar, por apenas U\$1,00 (taxa paga para ser usuário do site), logo, se você, por exemplo, reside em Caruaru no Estado de Pernambuco e deseja conhecer Minas Gerais, você poderá encontrar pessoas que estejam interessadas a conhecer Caruaru e começar a manter contato via Skype para viabilizar a troca de casas e definir o período de

hospedagem gerando assim maior economia financeira e promoção de sustentabilidade de modo que não seja necessária a construção de mais hotéis, por exemplo.

A empresa Uber conecta possuidores de carros particulares com quem precisa de carro para se locomover. Segundo dados disponíveis no site da Uber, a empresa já conta com mais de dois milhões de motoristas que oferecem transporte pelo app da Uber a 65 milhões de usuários que realiza mais de 15 milhões de viagens por dia. Dessa forma, mais pessoas se locomovem em apenas um único veículo com maior eficiência de combustível. A Uber mostra que Somente em 2017, os motoristas parceiros atenderam a 35 milhões de usuários do UberPool. Se essas pessoas tivessem dirigido seus próprios carros, as cidades teriam registrado 505 milhões de quilômetros a mais de trânsito e a emissão de outras 82 mil toneladas de carbono.

A empresa está criando várias medidas sustentável com o propósito de estimular a sustentabilidade, por exemplo, a expectativa é que em Londres até 2025 todos os motoristas da Uber dirijam apenas carros elétricos. A empresa busca incrementar uma taxa de 0,15 centavos por milha às viagens realizadas em Londres. Essa iniciativa visa patrocinar medidas de combate à poluição e, também, para ajudar os motoristas parceiros a trocar seus veículos por modelos elétricos. A uber visa desenvolver esse projeto em outros países também, promovendo assim, o desenvolvimento sustentável.

Blablacar chegou ao Brasil em 2015 e, mundialmente, é considerado o maior aplicativo de caronas do mundo. O aplicativo tem como objetivo conectar pessoas que estejam indo para o mesmo destino, com condutores, que possuam lugares livres em seus veículos traves da plataforma. As viagens se tornam mais seguras, econômicas, sociais e ecológicas. A plataforma torna a viagem segura através análise de perfil dos usuários, e para os passageiros, o aplicativo conta com um sistema sofisticado de avaliação e de verificação do número de contato do motorista e analisa os perfis de redes sociais cadastrados no aplicativo. Ecologicamente, a empresa visa reduzir o número de carros com poucos passageiros, propiciando ao meio ambiente, menos gás carbono e menos incentivos para a produção de novos carros. Os usuários buscam o aplicativo por preocupações com o meio ambiente e também para economizar. Há relatos de motoristas que ofertam caronas para que suas viagens sejam menos solitárias, além da divisão dos custos.

Beliive fundada em 2013 por uma Brasileira. É uma empresa que foca na troca de talentos, habilidades e conhecimentos entre pessoas, por meio de um banco de tempo. A plataforma tem uma moeda chamada be.credits, é a única moeda de permuta. Na Plataforma, pessoas podem anunciar experiências e habilidades para trocar com outras pessoas, de modo que, o usuário poderá trocar um be.credits por 1 hora de experiência. Desta forma, o usuário pode trocar uma hora de aula de inglês por um be.credits e depois trocar o crédito por uma hora de skate, por exemplo. A plataforma permite a formação de comunidades para promover o compartilhamento de conhecimento, habilidades e outras coisas interessantes. Quantas mais pessoas se conectar, maior o nível de conhecimento e maior mente aberta os usuários terão e, é de pessoas assim que o meio ambiente necessita.

5 CONCLUSÃO

No decorrer do trabalho buscou-se apresentar o surgimento da economia criativa e colaborativa no Brasil relacionando-as com o Desenvolvimento Sustentável. Foi identificado que a relação entre as economias e o Desenvolvimento Sustentável surgiu a partir de preocupações ambientais, mas só foram ampliadas, de fato, em 2008 com a crise Econômica Mundial que afetou o Brasil. O trabalho permitiu analisar os movimentos em torno do Desenvolvimento através de análise de dados e levantamento teórico buscando sempre responder as questões elaboradas.

É importante ressaltar a importância das mudanças ocorridas frente à economia criativa e colaborativa para incentivar outros leitores a ampliar o volume de trabalhos sobre os temas e, mais ainda, unir os temas ao Desenvolvimento Sustentável, pois, há grandes movimentos ocorrendo em torno do tema proposto, mas poucas obras publicadas. Buscou-se apresentar os benefícios tanto da economia criativa quanto da economia compartilhada e seu impacto no crescimento econômico no Brasil, pontuando, constantemente, seus efeitos sobre a sustentabilidade.

Os dados convergem para solucionar a hipótese inicialmente levantada, de forma que, seja possível compreender de forma simples seus efeitos na geração emprego e renda na economia e sobre o desenvolvimento Sustentável no Brasil. Durante o texto pode-se encontrar definições importante que poderão despertar ao leitor interesse em escrever sobre novos temas relacionados ao tema proposto no trabalho.

Por fim, destaca-se o interesse da população mundial sobre a economia criativa que se utiliza da capacidade intangível como fonte única para a produção de bens tangíveis de alto valor e, da economia compartilhada que busca utilizar ao máximo a capacidade ociosa, o compartilhamento de conhecimentos e de bens e serviços ao máximo gerando valor financeiro e cultural e, os movimentos oriundos da criatividade e do compartilhamento para a promoção do Desenvolvimento Sustentável buscando atender as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gisele Silva. O desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, Rio de Janeiro, v 1, n. 4, p. 1-6, Jan/Jun 2008

BENDASSOLLI, Pedro F. et al. **Indústria Criativas: Definições, Limites e Possibilidades**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>>. Acesso em: 15/mar/2018.

BRASILIA. Secretaria da Economia Criativa/Minc. **Relatório de economia criativa 2010: Economia criativa uma, opção de desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. 424 p.

BRASIL, Censo Cowrking. **Um panorama completo sobre o mercado de espaços compartilhados brasileiros**. Disponível em: < <https://coworkingbrasil.org/censo/2018/>>. Acesso em: 21/Set/2019.

CAPOZZI, Alexandre; HAYASHI, Gustavo; CHIZZOLA, Renata. **Boletim de Inovação e Sustentabilidade**. Revista Bisus, São Paulo, v 1, p. 7-21.

CECILIO, Paulo Medeiros. **Economia Criativa e Desenvolvimento Econômico: Um ensaio sobre a Literatura**. 2016. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148491/001000113.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08/mar/2018

CHAGAS, Fabio Rodrigo. **Economia criativa: Uma análise bibliométrica**. 2017. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WSRdp2ckkpQJ:www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/%3Fdown%3D000994953+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 14/mar/2019.

CHAVES, Débora Almeida; CASTELOO, Rebecca do Nascimento. **O Desenvolvimento Sustentável e a Responsabilidade Socioambiental Empresarial**. Disponível em: < <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/16318637.pdf>>. Acesso em: 18/Mar/2018.

CRUZ, Elaine Patrícia. **Consumo colaborativo cresce e 40% das pessoas trocam hotel por casa de terceiros**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-08/consumo-colaborativo-cresce-e-40-das- pessoas-trocam-hotel-por-casa-de>>. Acesso em: 12/Mar/2019.

DINO, Divulgador de Notícias. **Pesquisa aponta que economia compartilhada cresce entre os brasileiros**. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/pesquisa-aponta-que-economia-compartilhada-cresce-entre-os-brasileiros/>>. Acesso em: 13/Out/2019.

DRAGHI, Martin. **A Revolução Colaborativa e o nascimento de um novo paradigma**. Disponível em: < <https://sustentabilidadecolaborativa.wordpress.com/tag/airbnb/>>. Acesso em: 05/Out/2019.

FARIAS, Tiago Indalecio. **Como a Economia Colaborativa está mudando a forma de consumir do consumidor moderno**. 2016. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso,

Pontificia Universidade Católica do Rio De janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31410/31410.PDF>. Acesso em: 11/Mai/2018.

FLEMING, Tom. **Análise da Situação e Avaliação do Programa de Empreendedorismo Social e Criativo Financiado pelo Newton Fund**. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/brasil_economia_criativa_online2.pdf >. Acesso em: 10/Set/2019.

FREITAS, Cássio Stedetn de; PETRINI, Maira de Cássia; SILVEIRA, Lisilene Mello da. **Desvendando o consumo colaborativo: uma proposta de tipologia**. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/10138/2/DESVENDANDO_O_CONSUMO_COLABORATIVO_UMA_PROPOSTA_DE_TIPOLOGIA.pdf>. Acesso em: 25/Set/2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRUSE, Tulio. **Economia criativa cresce a cima da média no Brasil**. Disponível em:<<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,economia-criativa-cresce-acima-da-media-no-brasil,70002396326>>. Acesso em: 28/Out/2019.

MELGAREJO, Erlei Roldan. **Economia criativa: alternativa para o desenvolvimento sustentável econômico social para os países em desenvolvimento**. Disponível em: <<https://reciprocidade.emnuvens.com.br/rr/article/view/26/24>>. Acesso em: 14/mai/2018.

MENESES, Uiara Gonçalves. **Desenvolvimento sustentável e economia colaborativa: um estudo de múltiplos casos no brasil**. 2016. 166 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Administração em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed . Rio Grande do Sul, 2013.

REIS, Ana Carla Fonseca. (Org). **Economia criativa como estratégia de Desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SILVEIRA, Lisilene Mello; PETRINE, Maira; SATANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo dos. Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando?. **REGE- Revista de Gestão**, Rio Grande do Sul, v. 23, n. 4, p. 298-305, Dez. 2016.

SIMÃO, João Miguel. **Desenvolvimento Sustentável: Conceitos**. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/7149/1/desenvolvimento%20sustent%C3%A1vel_%20conceitos%2017_18.pdf>. Acesso em: 19/mai/2018

SISTEMA FIRJAN, **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro, 2014, p. 8-18.

SISTEMA FIRJAN, **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro, 2016, p. 7 e 8.

SISTEMA FIRJAN, **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro, 2019, p. 7 e 43.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

TAVARES, Kamila Venancia; CORREIA, Felipe Matheus Velloso de Souza; SANTOS, Daiane Rodrigues dos. **O crescimento da economia do compartilhamento (consumo colaborativo) no brasil de 2008 a 2018**. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/79338.pdf>>. Acesso em: 03/Nov/2019.

MASTERCARD. **The sharing economy: Understanding the opportunities for growth**. Disponível em: <https://newsroom.mastercard.com/eu/files/2017/06/Mastercard_Sharing-Economy_v7.compressed2.pdf>. Acesso em: 12/Jul/2019.

UNCTAD. **Relatório de economia criativa 2010: uma opção de desenvolvimento viável**. São Paulo: Itaú Cultural, 2012.